



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JOSIMERE FIRES DA SILVA

**FOTOPINTURA: Retrato e restauração de vidas em Campina Grande
(1950-1970)**

CAMPINA GRANDE – PB
2015

JOSIMERE FIRES DA SILVA

**FOTOPINTURA: Retrato e restauração de vidas em Campina Grande
(1950-1970)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de **Licenciatura em História** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientado(a): Maria do Socorro Cipriano

CAMPINA GRANDE – PB
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586f Silva, Josimere Fires da
Fotopintura [manuscrito] : retrato e restauração de vidas em
Campina Grande (1950-1970) / Josimere Fires da Silva. - 2015.
23 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano,
Departamento de História".

1. Fotografia 2. Fotopintura 3. Campina Grande - PB 4.
Historiografia I. Título.

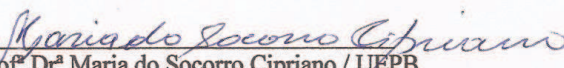
21. ed. CDD 770

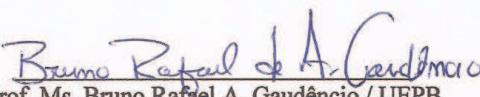
JOSIMERE FIRES DA SILVA

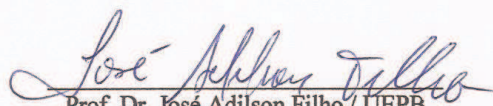
**FOTOPINTURA: Retrato e restauração de vidas em
Campina Grande (1950-1970)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
Licenciatura em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção
do grau de Bacharel/Licenciado em
História.

Aprovada em 16/06/2015.


Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Cipriano / UEPB
Orientadora


Prof. Ms. Bruno Rafael A. Gaudêncio / UEPB
Examinador


Prof. Dr. José Adilson Filho / UEPB
Examinador

FOTOPINTURA: Retrato e restauração de vidas em Campina Grande (1950-1970)

SILVA, Josimere Fires da¹

RESUMO

Este artigo objetiva investigar o trabalho dos retocadores fotográficos que atuaram na sociedade campinense e nas diversas cidades interioranas da Paraíba entre as décadas de 1950 a 1970. Ao historicizar essa prática da fopintura, desenvolvida por alguns fotógrafos profissionais e amadores daquele período, tenta-se pensar aqui: a importância da restauração das fotografias para os próprios consumidores do serviço; a forma como essa prática estava articulada ao contexto de mudanças socioculturais da sociedade campinense e, ainda, apontar alguns indícios que contribuíram para o declínio da fopintura em Campina Grande, ao ponto de torna-la obsoleta e ser substituída pelo fopshop digital advindo da modernidade tecnológica contemporânea. Tais questões ajudam a compreender práticas culturais locais que possibilitaram manter certa memória iconográfica de muitas famílias, fazendo com que os suportes pelos quais os retratos foram preservados cheguem até o presente, devido à importância sentimental atribuída pelas pessoas responsáveis. Desse modo, será que a fopintura artesanal que tanto contribuiu para a conservação de uma memória imagética dos campinenses poderia desaparecer totalmente? Portanto, este estudo possibilita vislumbrar como o ritmo de vida particular da sociedade campinense estava intimamente ligado ao da vida social pública da cidade e, nesse sentido, pode-se dizer que restaurar as imagens dos campinenses é também contar a história da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia. Fopintura. Retrato. Campina Grande

¹ Josimere Fires da Silva
Graduanda do curso de Licenciatura em História pela UEPB.
mere.fires-@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Para entendermos as práticas dos fotógrafos retoquistas em Campina Grande na Paraíba buscamos compreender porque o retrato fotográfico teve grande importância para a sociedade campinense, e a partir daí a necessidade de conservação deste artefato imagético através da restauração fotográfica entre as décadas de 1950 a 1970. Essa prática fez parte da construção sociocultural de seus usuários, pois foi exatamente neste recorte temporal que alguns fotógrafos que atuaram em Campina Grande deixaram a requisitada e respeitada função de fotógrafo de lado e passaram a atuar como retoquistas, supomos que talvez isso tenha ocorrido devido à grande procura pelo serviço, assim podemos notar o grau de importância que este ofício recebeu pela sociedade campinense.

No contexto histórico de Campina Grande, a fotografia ganha função estratégica de registrar em imagens obras públicas, ações das administrações locais para enaltecer a imagem pessoal dos políticos, mas aos poucos vai se tornando uma referência na construção da imagem social dos campinenses e da própria cidade. Deste modo, será necessário compreendermos melhor como a fotografia garantiu o seu espaço em meio a uma sociedade que se transformava constantemente, tornando-se uma rentável atividade econômica, mas principalmente entender como ela tornou-se uma referência na construção da imagem social dos campinenses que emergiam junto com as conquistas e aquisições nos setores do comércio, indústria, cultura e política.²

Segundo Bertrand Lira (1997) o uso da imagem através dos retratos foi uma importante forma para o homem se representar socialmente ou perpetuar sua imagem econômica, social e cultural na comunidade, na família e em outros grupos sociais da elite ou camadas mais populares campinenses. Problematizando esse uso o autor nos leva a questionar as diferentes formas pelas quais esses retratos se fizeram presentes na vida social.

A fotografia vem satisfazer as aspirações de uma classe a pouco no poder, para em seguida ir ao alcance da ampla maioria da população. Do seu anúncio oficial, em 1839, até 1850, o novo meio era privilegiado de alguns poucos que podiam pagar quantia exorbitante para obter um retrato fotográfico. (LIRA, 1997, p. 26)

O universo político paraibano soube usufruir muito bem da fotografia e do uso da imagem, visto que as obras públicas foram exaustivamente registradas, não apenas em Campina Grande, mas também nos outros grandes centros urbanos da Paraíba. As campanhas

² A fotografia foi inventada na França em 1839 a partir de experiências e testes feitos anteriormente por Louis Daguerre e Nicéphore Niépce, ambos separadamente adquiriam resultados positivos que juntos resultaram na fotografia a partir da imagem gravada em uma chapa no daguerreotipo.

políticas foram ornamentadas com retratos de candidatos, imagens do crescimento urbano e ainda a utilização de imagens em jornais e revistas atuantes na Paraíba e em Campina Grande.

Ainda a partir das análises de Lira (1997) notamos como o ato de ser retratado estava diretamente ligada a uma questão econômica e social, então, à medida que o retrato se popularizou, para as camadas mais populares de Campina Grande ser fotografado significava ascender a uma melhor posição social e até mesmo econômica.

A fotografia soube manter-se em evidência na sociedade campinense moldando-se as aspirações e necessidades dessa sociedade que a todo momento buscava representar-se visualmente, fosse uns para os outros ou também para si mesmo. A necessidade de olhar para si, para seu retrato restaurado e enxergar o reflexo que lhe agradava lembra o mito de Narciso discutido por CAVALCANTI, (1992)³ “Tal imagem de si mesmo sobre a qual se inclina Narciso, não lhe traz, em sua semelhança, suficiente segurança, pois em si mesmo, o reflexo é um duplo, quer dizer, ao mesmo tempo apresenta-se como um outro e um mesmo”, o pensamento de Mauad (1996 nos leva a pensar que os consumidores recorriam ao retoque fotográfico pois, ao olhar para sua imagem no retrato o indivíduo não se sentia satisfeito e buscava satisfazer seu ego através da imagem retocada.

Não podemos dar conta do imenso universo por onde transitou a fotografia desde sua invenção até a contemporaneidade, pois não objetivamos aqui tratar dessa história buscando sua “origem”, mas apenas contextualizá-la e localizar seus fios narrativos. Pretendemos discutir algumas questões que pensamos ser pertinentes para o tema deste trabalho, como o lugar de importância que o retrato conquistou em meio a sociedade campinense a ponto de tornar-se um objeto de desejo dessas pessoas contra as marcas do tempo.

Conhecer o contexto social, econômico, político e cultural em que a fotografia foi inventada com que finalidades e a quem interessava seu desenvolvimento e difusão é um caminho que possamos entender porque o retrato foi, e continua sendo, um ramo da fotografia tão difundido em todas as classes sociais. (LIRA, 1997, p. 25)

Sendo assim, a partir da citação de Lira (1997) vemos que a verossimilhança colocada entre a imagem registrada e o real foi tomada como ponto referencial para expor a realidade social, cultural e econômico de seus usuários, como o real estado do passado registrado em imagem, como uma transformação do real em imagem, como uma representação do real ou ainda como uma forma de linguagem em códigos passível de inúmeras interpretações. (LIRA, 1997).

³ Ler O MITO DE NARCISO E A IMAGEM ESPECULAR NA LÍRICA DE FERREIRA GULLAR, para compreender melhor a questão sobre a importância da imagem do homem refletida diante de seus olhos.

Mas acima de tudo pretendemos ver como a técnica da Fotopintura foi de grande importância para o homem na sociedade campinense à medida que essa técnica assim como o retrato foi tomada pelo cidadão campinense como forma de representa-se, de mostrar e enaltecer sua imagem, tentando conservar o que havia de bom em suas memórias, driblando a ação do tempo sobre sua imagem.

Pretendemos mostrar também que, mesmo o processo de restauração fotográfica ter sofrido uma transformação brusca na sua forma prática de retocar os retratos, a intenção do dono da fotografia que se encontra carregada de subjetividades, permaneceram as mesmas. A importância em ver a própria imagem de acordo com o que se quer é como uma dose de êxtase, mesmo sabendo que ela muitas vezes não condiz com a realidade aparente.

Enquanto suporte teórico e historiográfico, tomo como norte Boris Kossoy (2001 que traz um conhecimento mais técnico e aprofundado sobre a fotografia; Bertrand Lira (1997 que trata de uma discussão mais contextual apontando o universo social, cultural e econômico em que a fotografia se apresentou na Paraíba; Paulo Matias de Figueiredo (2005 também foi tomado como referência de grande importância visto que, seu trabalho veio dissertar sobre a fotografia em Campina Grande e seu contexto político, social, cultural e econômico, este que foi de grande valia já que tratava do recorte espacial proposto pra esse artigo; Ana Maria Mauad que trata sobre a importância dos retratos de família; Antônio Clarindo que trata de alguns aspectos sobre o desenvolvimento de Campina Grande, e alguns outros autores que com suas pesquisas ajudaram a construir este artigo e a preencher as lacunas que aqui encontramos sobre o imenso universo da sociedade campinense e a fotopintura.

Além das referências historiográficas acerca da fotografia, Michel de Certeau (1998) serviu como um suporte teórico para pensarmos a relação entre consumo e sociedade, procurando entender como a fotografia passou a ser um desejo de consumo. Para Certeau (1998) o consumo estabelece com o consumidor uma relação de atração silenciosa, mesmo sendo produto de uma mídia propagandística, mas essa relação está sujeita a variações causadas por lugares, hábitos, costumes, culturas do tempo. Podemos pensar que o uso da fotografia em Campina Grande também exerceu uma atração no seu público consumidor e que mesmo havendo variações de uso da fotografia na sociedade campinense ela se reinventou de diferentes formas, como uma tática ou estratégia de resistência as transformações e mudanças do seu público consumidor.

As principais fontes norteadoras deste artigo se concentram em trabalhos acadêmicos e coletâneas fotográficas, entrevistas, fotografias de arquivos pessoais, pois elas foram de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho, já que todas as fontes aqui

utilizadas estavam ligadas a história da fotografia de modo geral e em suas particularidades na Paraíba e em Campina Grande, assim como abordaram questões que discutiam sobre a relação entre fotografia e a História. Temas esses que ajudaram a responder nosso questionamento quanto a relação existente entre o retrato restaurado e a sociedade campinense.

O desvendar da sociedade campinense nas entrelinhas do retoque fotográfico

Para historicizar as práticas dos fotógrafos em Campina Grande, no período de 1950 a 1970, será necessário voltarmos ao começo dessa história para compreendermos melhor como a fotografia garantiu o seu espaço em meio a uma sociedade que começa a passar transformações urbanísticas desde as primeiras décadas do século XX. Assim como no contexto paraibano a fotografia também chega a Campina Grande pelas mãos de fotógrafos itinerantes e o uso dos meios de comunicação como seu principal veículo de divulgação, o francês Louis Piereck vindo de Recife realizou alguns trabalhos na cidade campinense, mas não se fixou - ao exemplos de outros fotógrafos de que por aí passaram.

Essa atração dos fotógrafos pelas cidades paraibanas devia-se provavelmente à mudanças pelas quais o Estado paraibano passava na primeira metade do século passado. No caso de Campina Grande, sua expansão comercial e econômica também será potencializada graças a chegada da linha férrea em 1907, fez com que outros setores como a construção civil se desenvolvesse trazendo para Campina Grande ações dignas de serem registradas como marcos da história da cidade. O fotógrafo e retoquista João Dias⁴, que fotografou a construção de escolas, praças, ampliações de avenidas, abriu um caminho para a atuação de outros fotógrafos que serão citados posteriormente.

Campina Grande cidade que se modernizava constantemente tornou-se um lugar propício para atividades econômicas, não somente despertando o interesse dos fotógrafos, mas também tornando-se uma referência na construção da imagem social dos campinenses que emergiam nos setores do comércio, indústria, cultura e política, herdeiros da antiga sociedade agrária. Fotografias de obras públicas como construções de açudes, escolas, monumentos, a exemplo do Monumento da Independência construído em 1922 na av. Floriano Peixoto, eram utilizadas como meio de marketing político por prefeitos e governadores que encontraram-se no poder como Antônio de Almeida, Argemiro de Figueiredo, entre outros com o propósito de

⁴ João Dias nasceu em 4 de março de 1886 na cidade do Senhor do Bonfim no Estado da Bahia e em 1916 veio para Campina Grande contratado pelo Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) para fotografar as obras, desde então se fixou na cidade e seguiu sua carreira de fotógrafo (FIGUEIREDO: 2005, p. 28).

enaltecer sua imagem de figura pública visando campanhas políticas. Fotos de ruas e avenidas de Campina Grande foram feitas em grande quantidade, ressaltando o título de cidade grande e antenada com a modernidade (FIGUEIREDO, 2005)

A fotografia surge em meio às pretensões políticas da década de 30 envolvendo famílias influentes na política paraibana como os Dantas, Assunção e os Pereiras, diferenças essas que perduraram por muitos anos no Estado. Vale salientar que esse retrocesso temporal serve para percebermos que a política e suas ações em Campina Grande foram decisivas também para a atuação dos fotógrafos que ali atuaram e como a fotografia foi usada como forma de propaganda visual e rápida através dos meios de comunicação.

As novas aquisições da construção civil em Campina Grande tornaram-se necessárias para atender a demanda do comércio que girava em torno do armazenamento algodoeiro e sua exportação, trouxeram para Campina Grande algumas fábricas têxteis, indústrias como a fábrica Marques de Almeida no ramo de fiação e tecelagem em 1925. (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2005). Com essa ampliação comercial a cidade passa por uma alteração social, já que mais pessoas passam a fazer parte de uma camada consumidora a medida que a demanda das restaurações aumentavam isso alterava também a visão do próprio consumidor que já almejava ser reconhecido e respeitado socialmente, já que para ele o poder aquisitivo representava status social.

Como já foi dito anteriormente, a fotografia em Campina Grande ainda teve a importante função de registrar vários de seus espaços urbanos, na tentativa de mostrar sua grandeza e de como a cidade através de suas construções, aquisições modernas tornava-se “grande” em tamanho e em cultura. O contexto econômico promissor das primeiras décadas do século XX, que a elegeu como segunda cidade líder em exportação de algodão – o ouro branco – que alavancou a economia campinense, mas que entrou em declínio depois da década de 1940 foi sendo paulatinamente substituído pela ideia de modernização urbana com as grandes e inúmeras construções civis. Tal construção imagética pode ser percebida através das fotografias produzidas em diversos momentos dessa história.

No livro intitulado por *Retratos de Campina Grande: Um século em Imagens Urbanas* realizado por Jônatas A. de Lacerda Júnior e Agostinho Nunes da Costa Lira tendo como colaborador Paulo de Tarso C. de Castro, apresenta esse acervo fotográfico com imagens antigas e atuais. O acervo fotográfico busca dar conta de um século de História da Rainha da Borborema e possibilita entendermos a elaboração dessa Campina Grande em sua “grandeza” nos mínimos detalhes arquitetônicos e de personalidades que fizeram e fazem parte da história política de Campina Grande.

Na primeira metade do século XX até o recorte temporal de 1950/70, Campina Grande ao passar por uma transformação urbana na arquitetura, no modo e pensar e agir, mudanças essas que tinham sido iniciadas por volta da década de 1930, com a ideia de higienização e organização urbana, visando preparar a estrutura para se adequar a evolução da modernidade que tanto almejavam à cidade. Além das mudanças urbanísticas houve também mudanças de comportamento e isso contribuiu em Campina Grande para a formação da camada consumidora que tomou a fotografia como um produto de consumo.

Segundo Antônio Clarindo (2012) a partir do seu recorte temporal que foi de 45 a 65 a administração política da época preocupou-se também em manter uma ordem moral na cidade, coibindo qualquer tipo de ação que não se enquadrasse nas normas sociais adequadas, “Além das pessoas também os animais eram tidos com espalhadores da desordem. Os locais de diversão popular que não se coadunassem com os lazeres entendidos como apropriados aos trabalhadores eram alvos das investidas policiais.” (CLARINDO, 2012, p. 171)

As regras sociais impostas pelas administrações fez com que as pessoas comuns procurassem adotar costumes que à incorporasse no padrão social adequado, para que se sentissem de alguma forma incorporadas a sociedade campinense respeitada. Então nos cabe aqui questionar se a adoção da imagem fotográfica nesse período tenha sido uma afirmativa de restaurar e conservar a imagem retratada, mas também de enaltecer a imagem de uma figura de boa conduta e respeitada socialmente? “Embora muitas vezes os articulistas dos jornais chamassem a atenção para os bem nascidos que causavam badernas nos locais de diversão fechados, como os cinemas ou auditórios, o seu preconceito e má vontade para com os mais pobres eram evidentes.” (CLARINDO, 2012, p. 171).

Em Campina Grande uma das formas mais comuns dos fotógrafos representarem-se na cidade, era estando ligado ao universo político, pois já que a influência política era muito forte, heranças dos séculos passados, que geralmente faziam parte da aristocracia, donos de terras que migraram para o campo da política. Já o cidadão comum buscava formas de representação pessoal nos grupos em que vivia e que essa representação o elevasse de forma a sobressair-se sobre os demais grupos, e isso tornou-se como uma necessidade para sentir-se vivo dessa forma podemos notar que na sociedade campinense não foi diferente.⁵

⁵ Consultar a obra *Fotografia e Desenvolvimento Social: um recorte da realidade do autor* (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2005), para entender como se estabeleceu a relação entre alguns fotógrafos e a política em Campina Grande.

No entanto a prática de montar álbuns de família foi constante desde a popularização do retrato⁶ e se fizeram presentes nos momentos mais importantes do grupo familiar como também do indivíduo nas festas, cerimônias e nos momentos em família - os casamentos, aniversários, batizados e velórios.

Através desta pesquisa, percebi como vários suportes para a fotografia também foram ser tomados como complexos espaços de representação culturais. A composição do álbum de família reúne diversas situações vividas pelo grupo familiar e também particularidades de um indivíduo, a sociedade campinense também se representou de diversas formas e nela é comum encontrarmos os álbuns de família. A autora Camila Garcia diz sobre os álbuns: “Mas lembro bem que o que mais me intrigava neste álbum, quando pequena, eram os retratos dos parentes e amigos de minha mãe que já haviam morrido.” (GARCIA, 2010). Já Mauad (1996) diz, “os álbuns de família dos séculos XIX e XX, permitindo penetrar na privacidade da memória através dos retalhos do cotidiano nele contidos.”

Fica clara a percepção na fala de ambas, como a fotografia tem de fato o poder manter viva as memórias e até mesmo a imagem de que já se foi, de certa forma o retrato mantém os mortos vivos e presentes através de suas imagens. “Não entendia como era possível que aquelas pessoas continuassem existindo ali, no álbum.” (GARCIA, 2010, p. 14). Ela ainda diz que, “O medo da morte, do desaparecimento, incentiva a produção e justifica o acúmulo e o arquivamento das imagens.” Já Mauad (1996) diz, “os álbuns de família dos séculos XIX e XX, permitindo penetrar na privacidade da memória através dos retalhos do cotidiano nele contidos.”

O retrato nos dá essa condição aparente de continuar existindo através da imagem retratada e viva apesar de já não mais existir fisicamente, mantendo-se vivo na memória que por sua vez é estimulada a partir de imagens. Então cabe aqui ressaltar a importância do retoquista fotográfico nesse momento, pois quando ele restaura um retrato, restauração junto com ele memórias, lembranças, passado e vida. Na entrevista concedida pelo retocador e fotógrafo amador Seu Giovanni Leão essa ideia pode ser percebida. Ele reporta-se em vários momentos de sua fala às encomendas para restaurar ou ampliar fotografias de gente morta, e na restauração veria pintá-lo de olhos abertos, o que lhes concedia uma condição de vida, ainda

⁶ Com a popularização da fotografia através do carte-de-visite foi a abertura para a prática de colecionar fotografias da família e conseqüentemente a criação dos álbuns de família, este que tornara-se um importante símbolo conservador da imagem familiar e principalmente da imagem individual como uma forma eficaz de eternizar a imagem diante da sociedade e de si mesmo.

que já estivesse morto. “(...) Esse homem morreu, mas a família não tem a foto dele vivo. Será que podia abrir os olhos dele pra gente ver ele vivo?” (GIOVANNI, 2015).⁷

Os retratos individuais passaram a ser registrados, na tentativa não somente de mostrar que tinha condição financeira de adquiri-los, mas também pela necessidade de conservação de memórias e recordações através das imagens organizadas e catalogadas nos álbuns fotográficos.

Fundamentalmente ligadas ao ritos de passagem – aqueles que marcam uma mudança de situação ou troca de categoria social. São tirados em aniversários, batizados, fim de ano, casamento e enterros. Os retratos passaram rapidamente a fazer parte desses rituais mais amplos, que marcam a passagem de criança a adulto, de solteiro a casado, de vivo a morto. São registros de momentos sacralizados pela alteração do tempo normal e repetitivo. (LIRA, 1997, p. 103, apud. Miriam Moreira Leite, [1993:159])

Em nossa pesquisa⁸, notei como o quadro de parede também foi outro importante e imponente referencial para exposição do retrato fotográfico, está exposto de forma visível, na sala principal da casa, num lugar privilegiado da casa significa dizer que a imagem carregava consigo o respeito e a consideração de todos. Expor em porta-retratos com belas molduras, sobre os móveis da casa ou ainda como uma forma de presente, sempre acompanhada de uma dedicatória no verso.

Segundo Paulo Matias de Figueiredo Júnior, de acordo com nossa pesquisa historiográfica “Na Paraíba a nova arte chegou pelas mãos de fotógrafos itinerantes, que se utilizavam dos veículos impressos (jornais, almanaques etc.) para divulgarem seu trabalho e as técnicas utilizadas.” (FIGUEIREDO, 2005, p. 18).

No decorrer desta pesquisa historiográfica, como referida na introdução deste artigo, notei que os trabalhos sobre a historiografia local pouco se referem a técnica da Fotopintura especificamente, porém algumas produções revelam que fotógrafos que atuaram em Campina Grande também trabalhava como Retoquistas, a exemplo do Seu Dias (FIGUEIREDO, 2005) que foi o primeiro fotógrafo a fixar-se em Campina, em 1916, com o estabelecimento comercial chamado de *Photo Dias*, situado na rua Maciel Pinheiro, próximo ao antigo Cine Fox, mas devido sua evolução não tardou em mudar para um local melhor e com mais visibilidade para seu estabelecimento comercial, assim sendo foi para a rua Cardoso Vieira nº 19.

⁷ Trecho da entrevista concedida pelo Seu Giovanni em Campina Grande, em 29 de abriu de 2015.

⁸ Em visita a casas de conhecidos em minha cidade, próxima a Campina Grande, notei a presença de fotopinturas penduradas nas paredes das salas, sempre em destaque propositalmente para que possam ser vistas por todos que entrarem na casa, de forma significativa essas fotopinturas são tomadas como um símbolo familiar emotivo ou até mesmo como uma joia de grande valor e estima.

A partir daí realizou vários trabalhos ganhou fama e respeito perante a sociedade campinense com seu ofício de fotógrafo, foi bastante procurado principalmente pelas mulheres da elite campinense, várias senhoras e senhoritas foram registradas em retratos pelo fotógrafo. “Dias resolve vender todo o seu equipamento fotográfico, e passa a viver não mais de produzir imagens, mas de retocar ampliações fornecidas pela Elite Foto” (FIGUEIREDO, 2005, P. 31).

Seu Dias foi um fotógrafo bastante conhecido e bem conceituado em Campina Grande durante os anos que atuou na cidade, mas vale salientar que para além dos fotógrafos que se destacaram no período, existiam ainda aqueles que exerciam a profissão de Retoquistas – seja porque herdaram a profissão do pai ou pela demanda de trabalho naquele contexto – com excelente qualidade e precisão. A atuação do Seu Dias como retoquista em Campina Grande vem contribuir com a história local sobre a fotopintura.

Ignácio Siqueira Silver também foi um fotógrafo atuante em Campina, natural de Pernambuco, veio para Campina Grande provavelmente por influência do amigo também fotógrafo Euclides Vilar. Ignácio vê no crescimento econômico e na expansão comercial da cidade uma ótima possibilidade de abrir seu próprio negócio e assim surge a primeira casa comercial de material fotográfico de Campina Grande. Seu Siqueira como era mais conhecido se estabelece na cidade por volta de 1933/34, já com 52 anos de idade. Paulo Figueiredo Júnior (2005) faz referências sobre ampliações fotográficas feitas por Seu Siqueira no início dos seus trabalhos na cidade, referências essas que não são claras o suficiente para afirmarmos que esses trabalhos de ampliação fotográficas estavam ligadas a técnica da Fotopintura ou Retoques como era chamada a arte na época.

Sóter Farias foi bastante atuante na sociedade campinense, tanto nos esportes como também na vida política de Campina. Ele ocupou cargos importantes, chegando a ser vereador de 1955 a 1959. É importante ressaltar que todo o seu extenso currículo⁹ na vida política e desportiva teve grande importância para a sua carreira de fotógrafo, na observância que o seu saudosismo político despertou em Sóter a necessidade de registrar Campina Grande e sua grandeza em detalhes na busca de manter sua memória viva através do real capturado pela

⁹ Tipógrafo no Correio de Campina (1930/31); Auxiliar do fotógrafo João Dias 91931/34); Guarda-livros da D. H. Cergára & Cia (1934/37); Gerente da Livraria Campinense (1937/38); Operador do Cine Teatro Apolo (1932/41); Cronista-repórter de “O REBATE”, até 1963; Ex-atleta de futebol do Paulistano E.C. e Vice diretor de Esportes (1933/35); Mesmas funções no 13 Futebol Clube (1935/37); Ex-diretor esportista da Associação dos Empregados no Comércio de Campina Grande (1937/38); Ex-presidente do Vera Cruz E. C. (1938/40); Ex-atleta, Diretor Financeiro e Presidente do Ypiranga F. C. (1940/77); Fundador da Liga Desportos Campinense, hoje LCF, em 1º de maio de 1947; Vereador na legislatura (1955/59); Foi designado Secretário Geral Interventor do Partido Rural Trabalhista em 1960; Foi Secretário do Partido de Representação Popular (1963/64); Fotógrafo desde março de 1938. (FIGUEIREDO JÚNIOR: 2005).

câmera fotográfica. As fotografias de políticos e da vida política de Campina Grande foi um ponto forte do fotógrafo.

Sóter fotografou muitos eventos sociais e fez trabalhos voltados para os pracinhas que lutaram na Segunda Guerra Mundial. Também encontrei referência de trabalhos realizados no retoque de fotografias¹⁰, o que é muito importante saber, mesmo não havendo grandes detalhes sobre esse ofício de Sóter, pois é relevante discutir os caminhos que a fotografia e seus profissionais percorreram para construir suas histórias em Campina Grande ao longo dos anos. Vale salientar também que, mesmo não tendo sido o retoque fotográfico sua principal atividade no mundo da fotografia, essa técnica foi de extrema importância para suprir a procura do serviço em Campina Grande na década de 1950 a 1970.

José Cacho fixa-se em Campina Grande em 1947 e abre seu ponto comercial de fotografia na rua Maciel Pinheiro, nº 207 onde passou treze anos, depois mudou-se para o edifício Esial permanecendo lá por pouco tempo, assim voltando definitivamente para um ponto comercial localizado acima da famosa sorveteria Capri.

Cacho realizou trabalhos para diferentes camadas sociais apesar de ter fortes e estreitas ligações com políticos da época, mas seu trabalho sempre esteve a cima das diferenças econômicas. No entanto é inegável a sua importância como fotógrafo para a construção da imagem política e de alguns políticos em Campina Grande, tendo em vista que ele foi fotógrafo de obras importantes e significativas para a cidade. Cacho fez seu nome pautado em seu trabalho e desde então cobria eventos políticos, culturais e sociais em Campina Grande. (FIGUEIREDO, 2005)

O Senhor Giovanni Gonçalves Leão que apesar de não ter sido um dos principais profissionais da área em Campina Grande na época, foi bastante procurado para realizar trabalhos de ampliações e retoques fotográficos. Ele assim como outros exerceram a profissão em Campina Grande como retoquista, embora muitos tenham sido esquecidos ou negligenciados pela história e historiografia local.

¹⁰ Obra de Paulo Matias de Figueiredo Júnior. Fotografia e Desenvolvimento Social: um recorte da realidade.

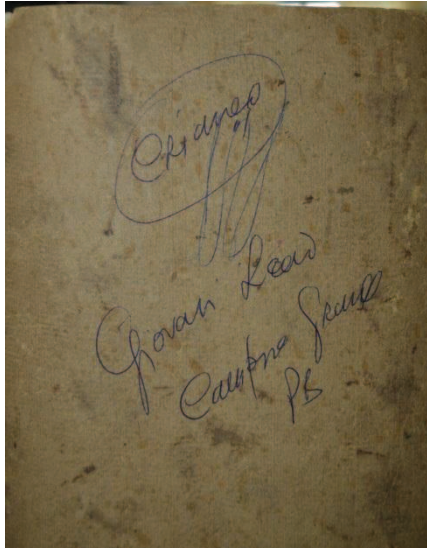


Foto: Fotopintura do Seu Giovanni quando criança, na metade da década de 40, feito por seu pai Arnaldo Ferreira Leão,
(Imagens cedidas pelo Seu Giovanni Leão do seu arquivo pessoal).

Esta é uma lembrança do senhor Giovanni Leão, um retrato seu restaurado por seu pai, o também retoquista Arnaldo Ferreira Leão através da fotopintura, este que ensinou-lhe o ofício de retoquista. Segundo o Seu Giovanni achava ofício muito trabalhoso ele mesmo si dizia preguiçoso, pois precisava de muita paciência para realiza-lo, mas sua mãe era a principal incentivadora. Ele ainda acrescenta que um dos principais motivos de ter aprendido o ofício, foi para ajudar seu pai.

Observo eu seu relato que a pesar de ser um ofício trabalho, delicado em seus detalhes, que lhe custou até mesmo um pouco de sua saúde, já que o cheiro dos produtos químicos, usados no processo de restauração tinha um cheiro muito forte, porem suas lembranças mostram saudosismo e prazer pelo ofício. A fotopintura foi um diferencial para os retoquistas e para os consumidores.

A partir desse retrato podemos perceber que a conservação e a permanência da imagem gravada fizeram de grande importância na sociedade campinense e que mesmo estabelecendo o recorte temporal entre as décadas de 50 e 70, notamos que a origem desse ofício encontra-se bem antes. No entanto este artigo não pretende dar conta dessa origem, mas apenas mostrar um período de efervescência dessa arte em Campina Grande. O que representava para a sociedade campinense restaurar seus retratos (imagens)?

Em primeiro lugar sabe-se que a fotopintura foi um processo de restauração fotográfica, onde geralmente os retratos de uma pessoa ou até mesmo de famílias inteiras eram restauradas, ampliadas e coloridas, visto que nessa época grande parte das fotografias,

envelhecidas pela ação do tempo eram pretas e brancas, já que haviam sido tiradas anos ou décadas atrás.

O senhor Giovanni aprendeu a profissão ainda garoto, por volta dos 15 anos com seu pai Arnaldo Ferreira Leão. A princípio o senhor Giovanni havia aprendido o ofício com o intuito de ajudar seu pai, já que segundo suas palavras a demanda de encomendas era muito grande e não só ele, mas sua mãe também ajudavam nos trabalhos de ampliação e restauração.



Seu Giovanni quando garoto na década de 1960 fazendo o trabalho de retoquista. (Imagem cedida pelo próprio Giovanni do seu arquivo pessoal)

O trabalho de retoque se fez necessário na sociedade campinense exatamente para restaurar os retratos do passado na tentativa de conservar lembranças, memórias do passado que não poderia mais voltar, mas que estavam eternizadas imgeticamente no papel e que poderiam agora serem transformadas a partir da fotopintura, o que mostra que as pessoas que consumiram as fotografias não o fizeram passivamente, pois tanto *o uso e o consumo*¹¹ foram intencionais e direcionados para criar uma imagem para além do papel, como uma tática para fugir do esquecimento imposto pelo tempo.

O consumo e o uso que são discutidos por Certeau (1998) estão ligados as ideias de táticas e estratégias estabelecidas entre as sociedades e suas instituições. A partir Certeau podemos entender que a sociedade campinense torna-se consumidora da fotografia e da restauração como tática de engajamento social a ponto de naturalizar essa prática, mas no entanto, o autor traz ainda a questão do uso, e essa sim determina as diferentes formas pelas quais se representaram os indivíduos da sociedade campinense.

¹¹ Ler: FAZER COM USOS E TÁTICAS da obra A invenção do Cotidiano de Michel de Certeau, para compreender melhor os conceitos de consumo e uso, visto que esses conceitos são importantes para compreendermos como a sociedade campinense tornou-se uma massa consumidora da fotografia e da fotopintura.

Manipular a própria imagem sempre foi um desejo e uma necessidade das pessoas e notamos que isso ocorreu na sociedade campinense com a utilização dos retoques fotográficos, assim como na contemporaneidade essa necessidade ainda se faz presente em Campina Grande nas gerações que sucederam as décadas de 50, 60 e 70, já que a tecnologia e seus recursos avançaram cada dia mais até chegar ao retoque fotográfico que conhecemos atualmente – o photoshop digital.

Em entrevista cedida pelo senhor Giovanni Gonçalves Leão que trabalhou como fotógrafo e retoquista em Campina Grande entre as décadas de 1950 a 1970 iremos compreender de fato o processo prático de restauração e ampliação que passavam os retratos danificados. Vale salientar que o senhor Giovanni aprendeu o ofício de Retoquista por volta dos quinze anos com seu pai Arnaldo Ferreira Leão¹², este que por sua vez já havia se estabelecido na cidade como profissional da área, o que nos leva a perceber que tanto a fotografia, o retrato e também o ofício de retoquista se fizeram presentes da sociedade campinense nas décadas anteriores ao recorte temporal estabelecido nesta pesquisa.

O senhor Giovanni relata que todo o processo era feito de forma rústica, inclusive, parte do material utilizado, muitas vezes, era confeccionada por ele mesmo reaproveitando objetos que encontrava em casa, como por exemplo o lápis que era usado para retirar marcas faciais, ele chama de “raspadeira”, que era utilizada para raspar as manchas das fotografias, era feita com pedaços de gilete e madeira. “Tinha um lápis especial para fazer isso e chamava raspadeira, era um pedaço de gilete, dessa gilete de fazer barba, quebrava aquela ponta, uma ponta e ficava uma pontinha né? Aí colocava numa madeirazinha aí ficava aqui(...)” (GIOVANNI: 2015). Uma outra ferramenta utilizada era o esfuminho também improvisado como folhas de jornal cortada e enrolada utilizado para ajudar nos acabamentos e detalhes do retoque.

(...)tinha um lápis que se chama esfuminho, esfuminho era feito com papel de jornal. Pegava um papel de jornal aí cortava assim, um tanto assim (aproximadamente 5cm) e aqui fazia uma ponta nele ali aí depois começava a fazer isso aqui enrolando, enrolando, agora ficava aquela cabecinha fininha aí ficava desse tamanho feito um palito como se fosse um cigarro, aí ele ficava bem durinho aí passava uma lixazinha na ponta dele aí ficava bem porozinho né. (GIOVANNI: 2015).

¹²Em entrevista cedida pelo Seu Giovanni em sua residência em Campina Grande, ele relata como seu pai Arnaldo Ferreira Leão, que foi cacheiro viajante pelo Nordeste veio de Recife e se estabeleceu em Campina Grande após ter decidido aprender o ofício de fotógrafo e retoquista com o intuito de se estabilizar economicamente para casar-se. Ele chegou a possuir um estabelecimento comercial chamado Foto Rio, localizava-se na rua Venâncio Neiwa onde hoje funciona uma farmácia, vizinha a antiga Rádio Borborema. Ele também foi musicista e dividiu sua vida profissional entre a fotografia e a música, aprendeu a tocar vários instrumentos como piano, flauta. Ele permaneceu atuando até que em 1960 Seu Arnaldo vai morarem Natal-RN e seu filho Giovanni assumiu o ofício trabalhando na residência de sua avó.

O processo de restauração era totalmente artesanal, como relata Paulo Matias de Figueiredo Júnior “A atividade de retoque em ampliações, não se limitava a apenas corrigir erros como no caso dos negativos também incluía muitas outras alterações. O colorido das antigas fotografias era feito à mão, com tintas apropriadas da Kodak.” (FIGUEIREDO: 2005, p. 32).

Havia duas formas para realizar a restauração dos retratos: a primeira passava pelo processo de ampliação do retrato 3x4 para um papel especial em tamanho maior e logo depois iniciava-se a parte de colorir e modificar a imagem do cliente se esse fosse o desejo dele, como por exemplo acrescentar detalhes como paletós, gravatas coloridas, vestidos, brincos e colares, mudar a cor dos cabelos e também o fundo da foto; o segundo modo seria apenas a restauração, onde o retrato seria raspado cuidadosamente para retirada das sujeiras, manchas amareladas e envelhecida, logo depois era feito o processo de pintura para dar vida a imagem, antes preta e branca que remetia ao passado gasto e sem vida.

Dentro do processo de produção do retoque fotográfico realizada na sociedade campinense e nos lugarejos vizinhos – visto que os retoquistas atendiam pedidos vindos de diversos lugares, até mesmo da zona rural – o retoquista nem ao menos conhecia o dono da fotografia, já que era o atravessador que fazia a abordagem aos clientes e repassava os pedidos para o profissional, com todos os detalhes anotados em um envelope.

“(…). Reproduzir fotos, reproduzir fotos pequenas do pessoal, já existia isso né !!! do pessoal trazer fotos, tinha vendedores no Sertão, essas cidades por perto aqui que eles vendiam na casa desse pessoal, aí perguntava se tinha foto ou se queria fazer uma fotografia, quer dizer.... Fotos, as vezes era fotos pequenas, as vezes eles ampliavam, certo? (...)” (GIOVANNI, 2015).

O Seu Giovanni ainda relata uma questão muito pertinente para este trabalho respondendo um de nossos questionamentos, quando indagamos por quê o retoque fotográfico foi tão requisitado pelos campinenses nessa época? Ele afirma que na verdade isso se tornou moda, como se uma mania do momento e sabemos que sociedades consumidoras aderem facilmente ao modismo. Para dar maior credibilidade ao trabalho Seu Giovanni ainda afirma que os vendedores (atravessadores) - que faziam o intermédio entre o retoquista e o dono do retrato – afirmava que o serviço seria feito em São Paulo, dessa forma omitindo a real origem do serviço.

Na visão do entrevistado o retoque fotográfico na época em questão, tornou-se um diferencial no universo fotográfico, já que permitia as pessoas ter suas fotos antigas e rasuradas pelo tempo, restauradas. Ele afirma ainda que muitos clientes que o procuravam diretamente, pediam para serem pintados com roupas caras, pois não havia condição de

compra-las para serem fotografados, vemos aí uma fuga da realidade, já que segundo suas observações a grande maioria das pessoas que procuravam seu serviço eram pessoas da camada social popular de Campina Grande e do interior.

Quando eu o questiono sobre o que o fez deixar de exercer a profissão de retoquista ele diz que na verdade teve que manter esse ofício que havia aprendido com seu pai Arnaldo Leão, para custear o curso de odontologia de sua esposa e também para manter as despesas da família e assim que ela concluiu o seu curso ele resolveu seguir a carreira de músico também na cidade de Campina Grande.

Segundo o Seu Giovanni o declínio da Fotopintura se deu graças ao avanço da tecnologia na área da fotografia, o que tornou a técnica e seu processo artesanal um método ultrapassado para atender a urgência e demanda dos desejos de manipulação fotográfica esperadas pela sociedade campinense. “(...), hoje em dia o computador faz e bota as cores também se quiser né? Mas só que o tempo se modernizou muito e acabou com quem fazia isso tipo artesanal.” (GIOVANNI, 2015).

Segundo o curador de Arte da pinacoteca de São Paulo a fotopintura “tentou manter de todas as formas a fotopintura tradicional. Mas os tipos de papéis adequados para essa técnica foram ficando escasso, desaparecendo com eles também o interesse dos seus colaboradores, profissionais em formação pagos para aprender e seguir a diante.” (MOURA, 2012).

Com o avanço da tecnologia a fotografia foi se digitalizando e paralelo a isso os computadores e seu universo digital tornou-se cada vez mais acessível, com isso o processo de restauração das imagens também se modernizou com a restauração fotográfica digital – o photoshop – este que rapidamente conquistou espaço e público em meio a sociedade campinense. Mesmo assim a urgência em restaurar imagens não deixou de existir, pelo contrário, cada vez mais a sociedade que emergia adentrava a esse no universo de restauração de imagem.

É preciso deixar claro aqui que esse avanço tecnológico que está à frente do recorte temporal demarcado por este artigo, se faz necessário para percebermos que a medida que as transformações socioculturais iam acontecendo em Campina Grande a prática de restauração também sofreu suas mudanças, da forma artesanal para a digital, mas lembrando que, ambas contribuíram para a construção imagética da sociedade campinense.

CONCLUSÃO

Ao término deste artigo, algumas observações podem ser apontadas em relação à pesquisa. As dificuldades foram muitas durante a elaboração deste trabalho, visto que a produção historiográfica local sobre o tema da técnica de fotopintura em Campina Grande ainda carece de uma pesquisa mais aprofundada. Para além disso, outra dificuldade no âmbito da pesquisa deveu-se em relação a resistências por parte de familiares em ceder informações sobre personagens importantes para a história da fotopintura em Campina Grande e, por último, a falta de conservação e zelo por materiais iconográficos por parte dos herdeiros familiares. Como entender essa situação? Essas negativas por parte das pessoas devem ser compreendidas como pouca importância dada a esses registros fotográficos?

Sabemos que diante das poucas fontes encontradas, priorizou-se a busca por detalhes que pudessem acrescentar ao universo historiográfico da fotografia em Campina Grande mais informações na tentativa de preencher as lacunas do tema sabem que o tema ainda requer mais atenção e pesquisas a respeito que podem ser realizadas posteriormente.

Encontramos a partir dos questionamentos feitos aqui uma contradição latente entre os diversos significados do retrato, que sempre ocupou um título de representação do real, acaba por contrariar essa realidade aparente, a partir do momento em que vários dos seus elementos pictóricos não alterados com a restauração, visto que a fotografia carrega consigo marcas características sutis, mas muito latentes de sua época, de cultura, hábitos, religião e diversos outras características de sua origem; em segundo lugar o retrato estabelece uma diferenciação entre passado e futuro, onde as marcas envelhecidas e o amarelado da imagem que ficou no passado e foi característico desse mesmo passado. A partir do momento que é restaurada e modificada em cores com novos elementos imagéticos a representação do passado muda, ela jamais será mais visto e interpretado como antes.

Buscamos a partir de o contexto histórico garimpar informação que nos ajudassem a responder nossa pergunta inicial, o que representava para a sociedade campinense restaurar seus retratos (imagens)? Diante dessa pergunta e das discussões colocadas ao longo deste artigo, notamos que a sociedade campinense que de diversas formas buscou alcançar a modernidade, viu na fotografia a representação real dessa modernidade, mais que isso, viu no retrato a representação da sua imagem e transferiu para ela a função de representa-lo socialmente e de manter-se vivo na memória social e individual.

Recorrer ao trabalho de um retoquista foi na verdade a tentativa de manter-se vivo, mas também saciar suas aspirações ao ver sua imagem reproduzida no papel diante de seus olhos, como abrir os olhos de um parente querido morto, trazê-lo para a vida, a transformação

do retoque fotográfico permitiu a sociedade de Campina Grande satisfazer-se através da imagem refletida do infinito particular de cada um.

Por tanto vimos que a restauração fotográfica artesanal foi gradativamente sendo substituída por outro método de restauração – fotoshop digital -, e também como a sociedade campinense se reinventou diante do avanço da tecnologia e da ideia de modernidade, mas manteve o anseio pela conservação e melhoramento de sua imagem individual, mas desta vez através do retoque fotográfico digital.

ABSTRACT

This article investigates the work of photo retouchers who worked in campinense society and the various inner cities of Paraíba among the 50 to 70 years. By historicizing the practice of photopainting, developed by some professional and amateur photographers of that period, it tries to think here: the importance of the photographs restoration for consumers themselves of the service; how this practice was articulated context of socio-cultural changes campinense society and also point out some evidence that contributed to the decline of photopainting in Campina Grande and the constant transformations that led to the decline of photopainting as to make it obsolete and be replaced by digital fotoshop arising from the contemporary modern technology. Such questions help to understand local cultural practices that made it possible to maintain a certain iconographic memory of many families, causing the supports on which the pictures were preserved chequem to the present, due to sentimental importance attached by the people responsible. So, will be the handmade photopainting that both contributed to the conservation of imagery memory of campinenses could disappear entirely? Therefore, this study provides a glimpse as the particular rhythm of life campinense society was closely linked to the public social life of the city and in this sense, can be said to restore images of campinenses is also telling the story of the city.

KEYWORDS: Photography. Photopainting portrait. Campina Grande city

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem; tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. – Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CAVALCANTI, Raissa. 1992. **O mito de Narciso.** O herói da consciência. São Paulo: Cultrix.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano:** Artes de fazer. Petrópolis – Editora Vozes, 3ª ed. 1998.
- SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Uma Cidade Enxerida:** cotidiano, controle e lazer na cidade de Campina Grande. João Pessoa. SAECULUM – Revista de História, 2012.
- FIGUEIREDO JÚNIOR, Paulo Matias de. **Fotografia e desenvolvimento social:** um recorte da realidade. Campina Grande: EDUEP, 2005.
- GARCIA, C. **Coleções de Imagens Flutuantes:** Álbuns fotográficos digitais on-line. 2010, 124 p. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** – 2ª ed. ver. – São Paulo: Ateliê editorial, 2001.
- LIRA, Bertrand de Sousa. **Fotografia na Paraíba:** um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850 a 1950). João Pessoa: Editora Universitária, 1997.
- MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem:** Fotografia e Histórias Interfaces. Rio de Janeiro: Tempo, vol. 1, nº2, 1996.
- MELLO, José Octávio de Arruda. **A Paraíba por si mesma.** Campina Grande: EDUEPB, 2012.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers, (org). **Antropologia & Imagem:** narrativas diversas. Vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- PINACOTECA DE SÃO PAULO. **Interior profundo:** Mestre Júlio Santos Fotopintura. São Paulo: Tempo Dimagem, 2012.
- FONTE ORAL:
- LEÃO, G. **Fotopintura:** O retrato e a restauração de uma vida. 29/04/2015. Entrevista cedida a Josimere Fires da Silva.